

SERVIÇO

Foi Carlos Lacerda, com quem me encontrei no aeroporto — ele chegando de Vitória, eu de Cachoeiro — que me avisou: haviam dito em Vitória que eu estava recebendo dinheiro do governador Jones dos Santos Neves para financiar minha candidatura a deputado federal pelo Espírito Santo.

Acho bom explicar que isso não é verdade; e vou contar a história. Há mais de dois anos, quando fui a Cachoeiro de Itapemirim no dia da festa da cidade, fui apresentado ao atual Governador. Eu escrevera, pouco antes, uma crônica em que lamentava a falta de guias no Brasil. O sr. Jones dos Santos Neves convidou-me então a escrever um livro sobre o Espírito Santo: uma espécie de roteiro de nosso pequeno Estado, que eu faria como achasse melhor. Topei, em princípio; mas estava de viagem para a Europa; depois fiquei preso ao Rio pela aventura de "comício" e outras coisas, e só este ano pude combinar a empreitada. Acontece que um jornalista de Vitória, que eu nem sequer conhecia pessoalmente, teve a idéia de lançar minha candidatura a deputado federal pelo Espírito Santo. Um outro achou a idéia boa, e mais um outro, em Cachoeiro, também. Ficou nisso a candidatura: uma gentileza de confrades, que me desvanece. Mas coincidiu que eu chegava a Vitória e me pus a viajar pelo interior. Recebi, efetivamente, algum dinheiro do Estado, para mim e para o grande desenhista Carybé, pelo trabalho que estamos fazendo, isso pelo motivo que me parece tão justo quanto melancólico de que não posso me conceder o luxo de trabalhar de graça: vivo disso.

Já fiz duas viagens pelo interior do Espírito Santo, e farei outras, até visitar todo o Estado. Se me perguntarem que diabo de livro eu vou escrever, já não sei mais. Estou indo aos lugares, vendo as coisas, conversando com as pessoas e tomando notas. Estou ao mesmo tempo lendo livros e artigos sobre o Estado, e pretendo ler ainda muito mais. Só no fim dessa viagem e desse estudo é que organizarei o material, farei um plano de livro e o escreverei. Quero fazer uma coisa que seja, antes de tudo, objetiva e útil; um livro que seja um retrato de minha terra pegando seus traços principais e permanentes; que possa ser atualizado de vez em quando, que possa ser melhorado com o tempo e a crítica.

Esse livro, obviamente, não será a favor do governo nem da oposição; os homens dos vários partidos do Espírito Santo só me interessam na medida em que possam me dar informações e sugestões para meu trabalho. Pretendo ouvir os que têm estudado a minha terra sob vários aspectos e me aconselhar com eles; quero ouvir a palavra do geólogo, do historiador, do estatístico, do economista e também a experiência do caçador de macuco, do trabalhador da usina, do fazendeiro, do homem que tira areia do rio e do que dirige uma empresa de ônibus, do que vende secos e molhados e do professor de ginásio. E' um trabalho que estou fazendo com humildade e com amor. Peço a todos os que têm algum estudo sobre o Espírito Santo, geral ou especializado — seja sobre grilos e sapos ou sobre areias ou jesuitas — que me ajudem neste serviço. Agradecerei muito a quem mandar esses dados, informes e sugestões para Cachoeiro de Itapemirim, em meu nome. E ainda tenho muitas centenas de quilômetros para sacolejar dentro de um jipe e muitos cadernos de notas para encher. Não tenho, positivamente, tempo para tentar ser deputado...

17/11/53

R. B.